

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v4n15p420-436>

RESSIGNIFICANDO O ESPAÇO PARA UMA EDUCAÇÃO CONTRA HEGEMÔNICA

MEANING THE SPACE FOR AN ANTI-HEGEMONIC EDUCATION

RESIGNANDO EL ESPACIO PARA UNA EDUCACIÓN CONTRA
HEGEMÓNICA

Marcos Borges dos Santos Júnior

Discente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
cunhajp2013@gmail.com

Marco Aurélio da Conceição Correa

Discente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
marcao_cp2@hotmail.com

Recebido para avaliação em 07/07/2018; Aceito para publicação em 29/10/2018.

RESUMO

O presente texto, formatando-se em um ensaio teórico, tem como objetivo a problematização dos espaços de construção dos saberes e conhecimentos hegemônicos no qual a população negra está inserida. Considerando que, para a população negra, existe uma assimetria histórica para os seus saberes e espaços de significação, muitos deles definidos pela grande mídia, de modo que é preciso se pensar em outras possibilidades epistemológicas e pedagógicas para promover tal mudança. Trazemos como pontos centrais nas discussões: espaços de criação de saberes; hegemonias contra os espaços negros; o efeito da democracia racial na articulação de espaços; mídia e estereótipos sobre a população negra; “consciência negra” e espaços de resignificação; projetos de inserção a população negra. Para tais reflexões partimos dos conceitos de espaço (SODRÉ, 2012), afrocentricidade (ASANTE, 2016), denegrir (NOGUERA, 2011) e pretagogia (PETIT, 2015), bem como, dialogando com projetos como o Instituto dos Pretos Novos e o Circuito Cinegrada do Coletivo CRUA, os quais auxiliaram a refletir e infletir em possibilidades pedagógicas para os currículos e cotidianos escolares.

Palavras-chave: Ressignificação; Espaço; Mídias; Educação.

ABSTRACT

The present text, being formatted in a theoretical essay, has as objective the problematization of the spaces of construction of the knowledge and hegemonic knowledge in which the black population is inserted. Considering that for the black population there is a historical asymmetry for their knowledge and spaces of meaning, many of them defined by the mainstream media, so that we must think of other epistemological and pedagogical possibilities to promote such a change. We bring as central points in the discussions: spaces for the creation of knowledge; hegemonies against black spaces; the effect of racial democracy on the articulation of spaces; media and stereotypes about the black population; "Black conscience" and spaces of resignification; projects for the black population. For such reflections we start from the concepts of space (SODRÉ, 2012), afrocentricity (ASANTE, 2016), denigrate (NOGUERA, 2011) and pretagogy (PETIT, 2015), thus, dialoguing with projects such as the *Instituto dos Pretos Novos* and the *Circuito Cinegrada* of *Coletivo CRUA*, helping to reflect and inflect pedagogical possibilities for curricula and school everyday.

Keywords: Resignification; Space; Media; Education.

RESUMEN

El presente texto formateado en un ensayo teórico tiene como objetivo la problematización de los espacios de construcción de los saberes y conocimientos hegemónicos en el que la población negra está inserta. Considerando que para la población negra existe una asimetría histórica para sus saberes y espacios de significación, muchos de ellos definidos por los grandes medios de comunicación, así hay que pensar en otras posibilidades epistemológicas y pedagógicas para promover tal cambio. Traemos como puntos centrales en las discusiones: espacios de creación de saberes; hegemonías contra los espacios negros; el efecto de la democracia racial en la articulación de espacios; medios y estereotipos sobre la población negra; "Conciencia negra" y espacios de resignificación; proyectos de inserción a la población negra. Para estas reflexiones partimos de los conceptos de espacio (SODRÉ, 2012), afrocentricidad (ASANTE, 2016), denigrar (NOGUERA, 2011) y pretagogía (PETIT, 2015), así dialogando con proyectos como el Instituto de los Negros Nuevos y el Circuito Cinegrado del Colectivo CRUA, ayudando a reflexionar e infletir en posibilidades pedagógicas para los currículos y cotidianos escolares.

Palabras clave: Resignificación, Espacio, Medios, Educación.

INTRODUÇÃO

A busca por descolonização das mentes é uma das questões pertinentes para o contexto brasileiro contemporâneo. Pensando nos valores tidos como padrões estéticos e como certas culturas são vistas como mais belas e importantes que outras na nossa sociedade e como a população negra acaba ficando distantes desses valores e dessas representações (CORREA, 2017, p. 21).

Permeando o contexto da sociedade brasileira, há, na atualidade, diversos debates acadêmicos sobre descolonização, seja epistemológica ou estética. Concepções que antes eram ditas como verdades primordiais, hoje, se encontram em xeque. O espaço concebido como lugar de interação entre o homem e o meio também entra em pauta.

O presente texto, formatando-se em um ensaio teórico, tem como objetivo a problematização dos espaços de construção dos saberes e conhecimentos hegemônicos no qual a população negra está inserida. Considerando que, para a população negra, existe uma assimetria histórica para os seus saberes e espaços de significação, muitos deles definidos pela grande mídia, de modo que é preciso se pensar em outras possibilidades epistemológicas e pedagógicas para promover tal mudança.

Trazemos como pontos centrais nas discussões: espaços de criação de saberes; hegemonias contra os espaços negros; o efeito da democracia racial na articulação de espaços; mídia e estereótipos sobre a população negra; “consciência negra” e espaços de resignificação; projetos de inserção a população negra.

Para tais reflexões partimos dos conceitos de espaço (SODRÉ, 2012), afrocentricidade (ASANTE, 2016), denegrir (NOGUERA, 2011) e pretagogia (PETIT, 2015), assim, dialogando com projetos como o Instituto dos Pretos Novos e o Circuito

Cinegrada do Coletivo CRUA, o que corrobora para refletir e infletir em possibilidades pedagógicas para os currículos e cotidianos escolares. Acreditamos que “lutar pela descolonização das mentes é formar outras redes de *conhecimentosignificações* que prezem por imagens que empoderem os negros e as negras retirando essa parcela da população, mais de 50% do Brasil, de espaços marginalizados” (CORREA, 2017, p. 21).

ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE SABERES

Para iniciar nossas discussões sobre os paradigmas elencados precisamos investigar no campo da definição geográfica os conceitos que pretendemos usar, são estes: espaço, lugar e território.

Diferentemente de espaço abstrato, lugar é a localização de um corpo ou de um objeto, portanto é espaço ocupado. Território, palavra mais moderna, é o lugar ampliado. Assim, hoje dizemos que território é o espaço afetado pela presença humana, portanto um lugar da ação humana. Só que essa localização não é necessariamente física, pode ser a propriedade comum de um conjunto de pontos geométricos de um plano ou do espaço. Ai, então, nossa referência não é mais topográfica, mas topológica - a lógica das articulações do lugar, portanto a teoria das forças das linhas de tensão e atração, presentes no laço invisível que desenha a cidade como lugar comum (koiné) ou comunidade (communitas) (SODRÉ, 2012, p. 74).

Assim, ao cartografar estes conceitos somente como forma de elucidar nossas considerações, percebemos que os conceitos relacionados a espaço são um dos mais dinâmicos nas ciências humanas, encontrando múltiplas definições dependendo das necessidades teóricas de um discurso. Tal conceituação tem natureza igual ao complexo conceito de cultura. Na intenção de reconhecer a potencialidade dos espaços – tanto física como metafísica – e as relações que definem os territórios, não podemos desassociá-lo do tempo. Todo espaço está para algum tempo. Com o intuito de uma análise eficaz é necessário reconhecer esta consideração. No decorrer deste texto iremos perpassar por diversos *espaçostempos* diferentes, ressaltando assim suas potencialidades.

Com o propósito de tracejar nossas reflexões, deixaremos definido também o plano de imanência onde as ações conceituadas estarão inseridas. Se nos propusermos a pensar sobre alternativas à degradação da imagem dos espaços ligados a matriz africana, nosso plano de imanência será o plano das africanidades, que em suas matrizes:

Deve ser entendida aqui como uma expressão “plural”, isto é, ela designa um conjunto de africanidades, nunca se trata de uma homogeneidade mítica. Porém, se trata de um rico campo de imanência, vasto e múltiplo, agregando vozes

polifônicas numa roda de dimensões indetermináveis. Repito que não se trata de essencialismo, tampouco da recusa do conceito de raça ou sua assunção acrítica. Um modo para encaminhar a elucidação e enegrecimento do que significa esta matriz africana é a terra. O ponto-chave desta terra é a ancestralidade rizomática africana (NOGUERA, 2011, p. 6).

Em função deste modo que forma a consideração inicial sobre as africanidades com o espaço, a relação da população negra com a terra é forte desde os tempos pré-coloniais. A terra, o espaço, é fonte da vida, da força vital que faz o ser humano existir e se perpetuar. E é exatamente nesta relação de pertencimento com a terra que se dão as raízes dos problemas elencados por nós na contemporaneidade. A própria vida é “como as vísceras da terra, como o sentido através do qual a vida se realiza. [...] isso se situa longe de algo além da terra num além deste mundo; mas, se trata de pensar a partir das entranhas da terra” (NOGUERA, 2011, p. 10).

Na empreitada da modernidade universal uma parte significativa da população africana foi expulsa ou arrancada dos “próprios lugares de sujeitos na história pelas políticas da Europa de escravização e colonização, e essas condições criaram os problemas políticos, conceituais, culturais e sociais” (ASANTE, 2016, p. 10). Esta força da desterritorialização proporcionou que os escravizados fossem afastados de seus “centros culturais, psicológicos, econômicos e espirituais e colocados à força na cosmovisão e no contexto europeu” (Ibidem).

Porém, apesar dos esforços de “desumanização” dos africanos e de seus descendentes, a resistência na diáspora provocou uma manutenção dos valores tradicionais dos territórios africanos. Ao longo de seguidas relações com novos espaços e subjetividades, proporcionaram-se uma pluralidade de ressignificações dos valores tradicionais africanos. Estas recriações proporcionaram diversas interações identitárias, que aconteceram tanto com os colonizadores como com outros colonizados, como os indígenas nativos das Américas e várias outras etnias africanas, já que o comércio transatlântico sempre tentou separar para aniquilar todos os vínculos identitários dos escravizados (LARKIN NASCIMENTO, 1997).

Na diáspora com as novas disposições geográficas da população afro-brasileira as identidades negras foram ressignificadas, criando outros vínculos diretos com a terra do “Novo Mundo”. A ancestralidade, a ligação com o passado, não como forma idílica e concreta, mas como movimento de continuidade se configura na diáspora novamente com sua relação com a terra. “A ancestralidade está na terra, constitui a terra e só a partir dela que se podem fazer experimentos na roda” (NOGUERA, 2011, p. 10). E aqui entendemos como a circularidade das manifestações culturais africanas é importante. É na roda onde

todos podem ver e ouvir os outros, onde a troca de saberes perpetua as experiências a partir da troca coletiva. Espaços onde todos são importantes para o acontecimento daquele ato. Dentro da diáspora encontramos espaços onde essa comunhão coletiva circular são símbolos de resistência e inventividade dos afro-brasileiros: as rodas de jongo nos quilombos; as rodas de capoeira na terra batida; o xirê dos orixás nos terreiros; as rodas de samba nas quadras; as rodas de passinho nas favelas; as rodas de rimas nas ruas da cidade e várias outras manifestações em círculo.

Para definirmos esses espaços citados anteriormente como espaços da população negra temos que tomar cuidado com certos equívocos. Os fatores que nos levaram a associar tais espaços à subjetividade negra partem de certos princípios: a ancestralidade como marca; a resistência histórica; a inventividade cultural; a criatividade dentro da adversidade e principalmente o quantitativo demográfico de certos espaços, como as favelas, subúrbios, periferias e comunidades.

Precisamos escurecer¹ também que não pretendemos seguir o ideal da cidadania lúdica (LARKIN NASCIMENTO, 1997), comumente associado à população afro-brasileira, onde a participação negra na cidadania social só está associada às ludicidades da dança, da música e dos esportes. Outro fator que justificamos aqui é o de não essencializar e delimitar a população negra somente a esses espaços, pois qualquer espaço que seja visto como de direito dos negros e negras deve ser ocupado. Não pretendendo também afirmar que os espaços e os sujeitos negros sejam definidos apenas por nossas considerações, acreditamos nas pluralidades e potências das subjetividades negras. Surge assim outro problema constantemente levantado, a questão do pertencimento. Não é que o samba, hip-hop, funk, ou qualquer manifestação, seja exclusivamente uma “coisa negra”, o problema é a espoliação da grande mídia em valorizar os expoentes caucasianos, deixando assim os artistas negros no posto do marginalizado, querendo embranquecer e apagar, mais uma vez, a história da população negra.

O que lutamos aqui é a resignificação da imagem inferiorizada que a mídia tem destes espaços supracitados, assim partindo de tais mudanças poderemos potencializar as identidades negras e proporcionar um combate ao cenário de racismo institucional, o qual impede negros e negras de estarem presentes em locais tidos como de poder na sociedade e nas possibilidades de ascensão social do ensino superior.

HEGEMONIAS CONTRA OS ESPAÇOS NEGROS

¹ “Escurecer”, palavra utilizada no sentido de “elucidar”, ao invés de esclarecer, se distanciando assim a dicotomia moderna do iluminismo da racionalização como hegemonia.

Nos dias atuais ainda sofremos as consequências das hegemonias originadas na modernidade colonialista, só que com outras configurações:

O modo de produção capitalista anula progressivamente o espaço pelo tempo a partir dos meios de comunicação e transporte, agindo contra as territorialidades culturais, que supõem enraizamento nas relações físicas e sagradas entre o indivíduo e seu espaço circundante. Agigantando-se, maquinizando-se, ampliando-se em redes, modelando-se como metrópole e, hoje, como megalópole, a cidade moderna termina relegando ao segundo plano o local e todas as noções a ele associadas, como é o caso da comunidade em sua formação sociológica tradicional. A dinâmica de produção e inovação da cidade não encontra rival em nenhuma outra forma de organização humana em escala reduzida (SODRÉ, 2012, p. 83-84).

Para entender de que forma se dão as forças que relegam os espaços minoritários do devir negro precisamos destrinchar e elencar várias formas de racismo institucional da sociedade brasileira. Assim como as concepções de identidade, as formas de racismo são concepções sociais, históricas, culturais. Para esta questão devemos “também considerá-la não somente na sua dimensão subjetiva e simbólica, mas, sobretudo, no seu sentido político” (GOMES, 2005, p. 43). No intuito de entender melhor, escureceremos as formas que consolidam o racismo institucional, definimos então ele da seguinte forma:

A forma institucional do racismo [...] implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada (GOMES, 2005, p. 53).

As formas estruturais que o racismo opera são tecidas por várias estratégias de controle e inferiorização que criam em larga escala a grande desigualdade racial em que vivemos nesse país (GOMES, 2005).

O EFEITO DA DEMOCRACIA RACIAL NA ARTICULAÇÃO DE ESPAÇOS

Dentre os instrumentos na desarticulação de espaços, devemos destacar outro espaço eficaz para criação do “negro de alma branca”: a assimilação cultural. O processo de assimilação cultural ou acultramento adentra na mobilidade social, desestruturando articulações como um grupo (NASCIMENTO, 2016), seja com intuito na preservação da branquitude ou na destruição da epistemologia africana e afrodiaspórica.

A assimilação cultural é tão eficiente que a herança da cultura africana existe em estado de permanente confrontação com o sistema dominante, concebido precisamente para negar suas fundações e fundamentos, destruir ou degradar suas estruturas. [...] os obstáculos teóricos quanto os práticos têm impedido a afirmação dos descendentes africanos como íntegros, válidos, autoidentificados elementos constitutivos e construtores da vida cultural e social brasileira (NASCIMENTO, 2016, p. 112).

Agora penetremos na afirmação dos descendentes africanos. A autoafirmação enquanto afrodiáspora se deve ao elaborar espaços que auxiliem na construção da identidade étnica. Permeado pela epistemologia eurocêntrica, os espaços urbanos se configuram de tal maneira que o negro internalizará a imagem de inferioridade e inexistência. Enquanto formação da personalidade, devidas representações sobre os negros geram sentimentos de auto-ódio, autodiscriminação e autodesvalorização. Uma repulsa por ser negro e/ou ter descendência africana.

Maior ainda, no entanto, pode ser o problema da autodiscriminação, devido à internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas sobre si-mesmo. Por que maior? Porque se trata de processos inconscientes de autodesvalorização, difíceis, portanto submetidos ao escrutínio político ou racional (SODRÉ, 1999, p. 235).

Conforme a repulsa é criada, os espaços eurocêntricos vão solidificando estas estigmatizações. De fato, a inércia da maioria dos afro-brasileiros em face às opressões recebidas na sua causa, entre diversos apontamentos, um destes é o pressuposto da “democracia racial”. Efetivamente, agindo na proposta estabelecida, a “democracia racial” institucionalizada nos meios governamentais, difunde a ideia da inexistência do conflito racial “penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade” (NASCIMENTO, 2016, p. 111). Portanto, na sociedade brasileira não existiria motivos para elaborarem espaços urbanos que construam a identidade étnica, sempre houve “harmonia, respeito e aceitação”. Nesta situação, a democracia racial assume o caráter de que cor e raça não precisam ser debatidos, contanto que respeite as fronteiras determinadas pela cultura, raça e cor da pele (SANTOS, 2002). Perceptível acerca da “democracia racial” o espaço será configurado por um campo de forças racistas, mostrando as reais possibilidades regentes.

Nestes termos, lugar é configuração de pontos ou de forças, é um campo de fluxos que polariza diferenças e orienta as identificações. Por isso, o filósofo pode defini-lo como possibilidade “interna” de algo, isto é, como o espaço-tempo que preside de dentro ao esquema concreto das condições de existência de alguma coisa, de alguma forma, por exemplo (SODRE, 2012, p. 75).

Previamente dispomos do significado que Sodré diz respeito sobre lugar. Reconhecemos as condições do *espaçotempo* como fonte verdadeiramente de mudanças, como nas resistências do dia a dia que impulsionam e fomentam a reorganização de tais espaços para a contemplação dos negros. Por fim, o acultramento ou assimilação cultural adentram ao pensamento da população negra induzindo-a a acreditar na “democracia racial”, desta maneira eliminando possíveis espaços de construção da identidade afrodiaspórica.

MÍDIA E ESTEREÓTIPOS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA

As mídias, como dito anteriormente, são um dos principais artefatos na difusão dos mitos e imaginários que fundamentam o racismo. Entendemos a mídia da seguinte maneira:

Os discursos sociais – manuais escolares, diálogos socializantes (pais/filhos, professores/estudantes), programas de radiodifusão, textos jornalísticos, pronunciamentos parlamentares, etc. - desempenham um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e do racismo. Desses discursos provêm os modelos cognitivos e as atitudes relativos a minoria de qualquer natureza, especialmente os negros na sociedade clara do ocidente (SODRÉ, 1999, p. 242-243).

Acrescentamos também os modelos atuais advindos das tecnologias da informação nas definições de mídia, indo além da televisão e do cinema, artefatos da modernidade, temos hoje em dia os sites de streaming de vídeos – youtube, vimeo, dentre outros – e redes sociais – facebook, twitter, instagram, dentre outros – como novos artefatos produtores de discursos sociais. “A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações interraciais [...] de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele” (SODRÉ, 1999, p. 243).

O que incomoda não é a existência destes artefatos de comunicação, muito pelo contrário, a potência desses artefatos na formação de discursos antirracistas e da conscientização da sociedade sobre as questões identitárias (raça, gênero e sexualidade) são elementos cruciais na luta por uma sociedade democrática. A questão é a profusão dos discursos preconceituosos e discriminatórios que encontram grande distribuição na mídia em geral. Perante a circulação de discursos que promovem o racismo e a exaltação de um grupo identitário sobre o outro acontece em sua grande maioria por causa da influência que um grupo específico tem no controle dos meios de distribuição. A elite que se ergueu e consolidou nos escombros da violência do colonialismo, onde a figura do homem branco

heterossexual provedor da família é o bastião da desigualdade, promove em grande maioria que só uma voz tenha espaço nas mídias. Quanto a essa elite:

A palavra "elitista" não é aqui casual. Sabe-se efetivamente que da influência interativa entre elites de diferentes ordens – grupos de alta renda, ministérios, organizações de trabalho, intelectuais e meios de comunicação de massa – resultam os padrões cognitivos e políticos que orientam os componentes da ação social e do julgamento ético presentes no comportamento racista. Falar de elite é designar os grupos e as instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva. São as elites que ocupam em cada estado nacional, sejam as posições de controle direto da mídia, sejam as possibilidades de moldar o seu discurso. No Brasil, essas elites específicas têm basicamente uma natureza familiar (SODRÉ, 1999, p. 243).

Sobre tais considerações acerca das influências de realizar e distribuir uma ideia através da mídia, que vem à tona para nossas discussões aqui: os boletins do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas da UERJ (GEMAA)². As pesquisas do grupo mostram a disparidade na produção e no protagonismo do cinema brasileiro. Dominado por diretores, roteiristas e protagonistas brancos, a historiografia do cinema brasileiro tem para o lugar da população negra, principalmente as mulheres, um espaço relegado à secundariedade. Ou seja, o cinema como um artefato de poder, tanto de realização como de distribuição, ainda deixa a população negra à margem dos meios de produção. Além de ser bastante caro produzir um filme, distribuí-lo com temáticas afrocentradas é uma dificuldade, pois os frequentadores do grande cinema desaprovam tais temáticas como vemos pelos ideais do imaginário social.

Reconhecendo os poderes que operam a circulação midiática, podemos pensar nas relações de poder quando os espaços de acontecimentos negros se tornam presentes nos meios midiáticos. Na maioria dos casos, a população negra, os espaços por eles habitados tendem a serem representados de uma forma equivocada e pejorativa. Os erros mais frequentes são: as considerações preconceituosas aos negros em situações de fragilidade econômica e social que habitam as favelas e outros locais marginalizados da cidade³; e a intolerância às expressividades culturais e artísticas da população negra, principalmente com as religiões de matriz africana. Os meios midiáticos do grande público, num momento o rádio e até hoje a televisão, circulam, “de modo mais sutil e eficaz, pelo discurso mediático-popularesco, [...] onde se acha incrustada a discriminação em todos os seus níveis” (SODRÉ, 1999, p. 245). Hoje em dia estes pensamentos preconceituosos ainda são

² Texto disponível em <<http://gema.iesp.uerj.br/category/boletins/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

³ Cabe salientar que independentemente da situação econômica e social, o negro será representado de forma pejorativa.

fortemente influenciados pelo discurso hegemônico da elite, mas com a autoria e autonomia na produção e circulação de conteúdos com os artefatos das redes sociais, discursos intolerantes circulam a partir das bocas e mãos de pessoas comuns do cotidiano, em certas vezes até pessoas pertencentes ao grupo socioeconômico da população negra.

Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constroem identidades virtuais a partir, não só da negação e do recalcanço, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e referências. Da identidade virtual nascem os estereótipos e as folclorizações em torno do indivíduo de pele escura (SODRÉ, 1999, p. 246).

Com esse movimento de aprisionamento das identidades relacionadas aos espaços negros, a sociedade como hegemonia assume suas origens na modernidade, generalizando todas as identidades. Se a pessoa mora na favela é bandido, se é candomblé é do diabo, se é do rap usa drogas, e finalmente se for preto é ruim. “Tende-se, assim a retificar ou essencializar o cidadão dito ‘diferente’, escondendo o fato de que toda e qualquer diferença é sempre histórica e produzida numa relação com indivíduos e grupos hegemônicos” (SODRÉ, 1999, p. 255). Contrariamente a essa essencialização:

Não existe uma "identidade negra" originária, construída "naturalmente" a partir da cor da pele (raça) ou da mentalidade (etnia). Tal identidade aparece na História a partir da discriminação cultural operada por indivíduos e grupos de cor clara. Esses, por sua vez só se reconhecem como "identidade branca ou "euro ocidental" no contexto relacional com os ditos não-brancos ou não ocidentais (SODRÉ, 1999, p. 255).

Porém, felizmente, não é somente dessa maneira que o artefato tecnológico das comunicações midiáticas pode ser usado. No próximo tópico vamos ver a “consciência negra” e os espaços de resignificação para auxiliar a construção da identidade étnica afro-brasileira.

“CONSCIÊNCIA NEGRA” E ESPAÇOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

Antes de adentrarmos nas resignificações dos espaços, precisamos salientarmos primeiro a concepção de “consciência negra”. Incorporado no senso comum, a consciência denota uma condição de entendimento sobre si e o meio que habitua, “qualquer forma de vida mental ou simplesmente estar acordado” (SANTOS, 2004, p. 77). Diversos autores já debateram sobre o significado da consciência, mas o que geralmente encontra-se em consenso é a compreensão do ser, cria-se um recorte do *espaçotempo*, carregado de

experiências e vivências que possibilitam o indivíduo ter uma ideia sobre si e a realidade ao seu redor. Usufruindo destes pressupostos a “consciência negra” estaria no campo do recorte *espaçotempo*, nas experiências e vivências traumáticas que a África na diáspora teve, assim desejando o conhecimento sobre a história da população afro-brasileira – sua origem, em que realidade de opressão vive e como insurgir. Nas leituras de Santos (2004), a “consciência negra” entra no campo das aspirações.

Considero que a utilização da expressão “consciência negra” queira denotar o desejo ou a expectativa de que a população negra saiba de si, de sua história, para que possa, a partir disso, sublevar-se contra uma ordem social opressiva e injusta (SANTOS, 2004, p. 78).

Pois bem, a inclusão desta perspectiva se torna de suma importância para as ressignificações dos espaços que a população negra habitua. Um ambiente, principalmente uma instituição de ensino que se guia pela afrocentricidade⁴, tenderá a ampliar a “consciência negra”, portanto, ampliará as diferentes percepções de ser e estar no mundo da diáspora africana.

Surgem, então, as ressignificações dos espaços e dos conceitos para preencher estas lacunas não construídas e desenvolvidas: história da população afro-brasileira e africana, sentimento de identidade e pertencimento, luta antirracista, dentre outros. Em face destes espaços que visam o ensino, os velhos modelos – a hierarquia de professor/aluno, infraestrutura do lugar, composição do corpo de ensino, dentre outros –, poderá abrir um leque de possibilidades, dentre elas escolhemos duas vertentes: ressignificação do modelo, desestruturando a concepção sobre instituições de ensino ou a procura por novos modelos que saiam da dicotomia modelo tradicional/ressignificação do modelo tradicional. Mesmo com a ressignificação dos modelos tradicionais, as construções de instituições de ensino que idealizam o reforço étnico afro-brasileiro, por si só escapam desta dicotomia, pois trazem uma filosofia de ensino geralmente refutada: a afroperspectiva⁵.

Não podemos esquecer que também a cultura afro-brasileira necessitou se ressignificar, podendo se complementar pelas perseguições acometidas, um exemplo é o

⁴ Afrocentricidade é uma teoria e método que nasce na luta contra o racismo, tendo como ponto principal a África, na procura por se guiar numa perspectiva africana (NOGUERA, 2014). Procura-se “recolocar os povos negros dentro de seus contextos históricos e culturais depois de um deslocamento provocado pelo racismo antinegro” (NOGUERA, 2014, p. 48).

⁵ “O que aqui denominamos filosofia afroperspectiva é uma maneira de abordar as questões que passam por três referenciais: 1ª) quilombismo; 2ª) afrocentricidade; 3ª) perspectiva ameríndio” (NOGUERA, 2014, p. 46).

candomblé⁶. Outro exemplo são os 10 valores civilizatórios afro-brasileiros⁷ que não são mencionados, mas encontramos sendo promovidos no dia a dia. Eles entram nos espaços que habitam a população negra, são indeferidos seus reconhecimentos, mas certamente tem origem africana.

A “consciência negra” penetra nos espaços com a intenção de se transformar, por exemplo, na borralheira ou na patinha feia⁸. Tudo dependerá do contexto no qual o indivíduo estará inserido. Investiguemos em alguns projetos de inserção ao povo negro que vislumbram a construção e reconhecimento da identidade étnica além de ensinar a história e cultura afro-brasileira e africana.

PROJETOS DE INSERÇÃO A POPULAÇÃO NEGRA

Perante o racismo encontrado no Brasil, há múltiplos projetos para a inserção do povo negro na sociedade. Um destes projetos é o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)⁹. Criado no dia 13 de maio de 2005, o objetivo do IPN é pesquisar, estudar, investigar e preservar a herança produzida pelo africano e afro-brasileiro, assim atuando no sítio arqueológico e histórico do cemitério pretos novos. Então surgem desdobramentos do IPN como: a loja do IPN (contendo uma livraria com destaque em temas sobre história e cultura afro-brasileira e africana além das relações étnico-raciais), a residência artística (trazendo atividades de intercâmbio para artistas vinculados a centros nacionais e estrangeiros), oficinas (cursos, oficinas e palestras para visitantes do IPN, com temas relacionados à cultura afro-brasileira e africana), pós-graduação (o IPN oferece cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da Cultura afro-brasileira e africana e Turismo Cultural), dentre outros. Dados que podem ser facilmente encontrados no *site* do projeto.

⁶ Por conta das constantes perseguições da polícia, surgiu uma nova categoria “na hierarquia sacerdotal dos terreiros: o ogan” (NASCIMENTO, 2016, p. 126). Os ogans cumpririam o papel de proteger o terreiro por conta do prestígio que teria na sociedade, sendo ocupado principalmente por pessoas brancas (NASCIMENTO, 2016).

⁷ Os dez valores civilizatórios afro-brasileiros são: Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Memória, Ancestralidade, Cooperativismo, Oralidade, Energia Vital e Ludicidade. Texto disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>>. Acesso em: 22 março 2018.

⁸ Partindo das leituras de Santos (2004), as borralheiras seriam as mulheres negras que vivem na rivalidade entre si, inertes, esperando a ascensão social enquanto as patinhas feias seriam as mulheres negras que não se encaixam no mundo racista, assim sendo, procurando o seu grupo no qual compartilhe as mesmas experiências.

⁹ No site Museus do Rio encontra-se a seguinte informação sobre os pretos novos: “Pretos Novos era o nome dado aos cativos recém-chegados da África e desembarcados no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, em uma área da cidade chamada, então, de Pequena África. Neste local, hoje a zona portuária da Gamboa, ficava o mercado de venda dos negros cativos”. Disponível em: <http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=83:memorial-dos-pretos-novos>. Acesso em: 29 maio 2018.

O eixo principal do projeto, apesar de trabalhar em diferentes frentes, é ressignificar a história e o espaço da zona portuária do centro do Rio de Janeiro. Espaço histórico para a população negra brasileira, onde a maioria dos escravizados da África aportavam, no Cais do Valongo, decretado recentemente Patrimônio Histórico Mundial pela UNESCO; espaço de resistência e criação com a Pequena África, região portuária somada com a Praça Onze, onde os primeiros sambistas ensaiavam a concepção do ritmo musical; e espaço de ancestralidade como o Quilombo da Pedra do Sal e suas famosas rodas de samba que perpetuam todo esse legado histórico negro.

O segundo projeto que trazemos para a discussão aqui é o Circuito Cinegrada, organizado pelo Coletivo CRUA que, durante um mês, espalha cineclubes pelo subúrbio do Rio de Janeiro, promovendo exhibições de filmes, discussões sobre os próprios e troca de saberes entre diferentes artistas, educadores e curiosos. A proposta do projeto vem com a deficiência de representação de negras e negros nas produções audiovisuais brasileiras e internacionais, tanto no protagonismo como atrás das câmeras, na direção e em outras partes técnicas do cinema. O Cinegrada promove exhibir filmes que apresentem outra proposta cinematográfica, tanto brasileiros quanto de outros países, como os do continente africano.

Além de propor outra representação de corpos e mentes negras, o Cinegrada vem no movimento de exhibir esses filmes fora de espaços onde eles normalmente são exibidos, já que apesar de serem menos frequentes, no centro da cidade do Rio de Janeiro se concentra a maioria dessas exhibições. O coletivo investe em produções cinematográficas independentes, tendo o mesmo produzido seus próprios curtas metragens que foram exibidos e premiados em festivais por todo o Brasil¹⁰.

Além destes dois projetos que ressignificam o espaço para as populações negras, podemos elencar muitos outros que seguem essa movimentação: os Terreiros e Casas de Santo; Coletivos universitários e culturais; Quilombos e Associações de moradores de comunidades; Pré-vestibulares comunitários sociais, dentre muitos outros projetos que promovem oportunidades, circulação e aprendizagens para corpos e mentes negras.

NOVAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Para pensar em novas possibilidades pedagógicas com a intenção de ser utilizadas nos espaços, é necessário ter uma base teórico-metodológica no auxílio da construção

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCqXCA6mTqpPBtdzNx24gK1w>>. Acesso em: 28 junho 2018.

étnica afro-brasileira. Assim sendo, a Pretagogia (PETTT, 2015) emerge das nossas reflexões, como um referencial teórico-metodológico e uma abordagem afrocentrada, guiando-se pelos seguintes princípios e ensinamentos:

O autorreconhecer-se afrodescendente [...]; A apropriação da ancestralidade, pois fazemos parte da linhagem que envolvem os antepassados e os mortos. [...]; A religiosidade de matriz africana como base e entrelaçamento de todos os saberes e de todas as dimensões do conhecimento [...]; O reconhecimento da sacralidade como dimensão que perpassa todos os saberes das culturas de matriz africana [...]; O corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes [...]; A tradição oral valorizando o conhecimento que é repassado de modo transversal por meio da oralidade [...]; O princípio de circularidade na relação entre os seres, os tempos e as coisas [...]; O entendimento da noção de território como espaço-tempo socialmente construído [...]; A compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro, marcado pelo racismo estrutural [...] (PETTT, 2015, p. 122-123).

Princípios e ensinamentos estes que reforçam a identidade étnica afro-brasileira e o deslocamento do ser para mudar o paradigma que foi construído ao longo da história do Brasil. Entendendo o princípio holístico, busca-se a aprendizagem sem a “falsa distinção corpo e mente” (PETTT, 2015, p. 123), ou seja, o corpo e a mente como aprendizagem mútua. Também não proíbe o “uso de suportes textuais e das tecnologias visuais” (PETTT, 2015, p. 123) para o auxílio da aprendizagem. A Pretagogia perpassa como um ajuntamento teórico-metodológico e nos guia para uma filosofia antirracista. Uma concepção epistemológica que ajuda a questionar os engendramentos sobre o ser negro (SANTOS, 2002), preocupando-se com a educação para as relações étnico-raciais, pois compromete-se a desenvolver as epistemologias muitas vezes reprimidas e ressignificadas da população negra, além de promover o reconhecimento e a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana (MACHADO, 2014).

A Pretagogia demonstra a dependência e criação que o ser humano tem dos “elementos vegetais, minerais e animais” (PETTT, 2015, p. 120), criando a relação da circularidade com o meio que habita.

As instituições de ensino, servindo como meio de exclusão, desprovidas de metodologias e aportes teóricos para comportar as “influências africanas em nossa cultura” (PETTT, 2015, p. 194), acabam auxiliando no não reconhecimento da descendência africana, chegando ao ponto de se reprimir ser negro. Então, a Pretagogia se torna de suma importância, pois voltará às origens, ao sanfoka¹¹. Apropriar-se-á “dos valores mais fortes

¹¹ Tornamo-nos sanfoka, um pássaro que se movimenta para frente, ao passo que mantém sua cabeça voltada para trás, num elo inquebrantável com a nossa história e a nossa linhagem, biológica e/ou simbólica, a um só tempo comunitária [...] (PETTT, 2015, p. 72).

das culturas de matriz africana, notadamente os da ancestralidade, que se reportam aos conhecimentos produzidos por um grupo” (SILVA, 2013, p. 66).

Esta é uma das múltiplas possibilidades pedagógicas que podem ser usadas nos espaços de construção da identidade étnica para a população negra. Cabe ter suportes – seja do estado ou da própria comunidade – que queiram desenvolver tais projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade várias forças se organizam – principalmente nas periferias e nas comunidades, mas não se limitando somente a elas – como formas de reafirmar a identidade negra no combate ao racismo. Espaços com as mais variadas configurações, intenções e atividades, contudo, todos voltados nas questões que podemos considerar afrocentradas.

Ao decorrer do trabalho dialogamos um pouco a respeito destes espaços nos quais a população negra está inserida: uma ótica sobre o significado e suas ressignificações; espaços construídos de saberes não reconhecidos; a mídia e o estereótipo racista sobre a população afro-brasileira; “consciência negra” e a ressignificação do pensamento no espaço; alguns projetos de inserção ao povo afro-brasileiro; as novas possibilidades pedagógicas que podem surgir.

Com o intuito de (re)pensar o espaço, buscamos evidenciar as disputas de poder que perpetuam neste lugar, escravizando psicologicamente e fisicamente o povo afro-brasileiro, não possibilitando a criação e o desenvolvimento de estratégias que auxiliem na luta antirracista.

Paralelamente aos acontecimentos do continente africano, na Argélia, por conta das tensões da colonização francesa, decorreu uma grande participação da população para a descolonização europeia (francesa) do território, seja por grupos organizados ou por estratégias de contingência no campo político, assim como na Etiópia, que se tornou símbolo de resistência anticolonização para os africanos e sua diáspora (PARADA; MEIY; MATOS, 2013). Exemplos como estes que servem para a África na diáspora se inspirar e aspirar enquanto luta antirracista.

Passar por linhas de pensamentos filosóficos que guiem os projetos de inserção da população negra, se mostra indispensável para *sulear*¹² e afroperspectivizar as práticas

¹² “Sulear”, palavra usada em contraposição ao termo “nortear” que transpõem os ideais de sul e norte, numa dicotomia irracional versus racional, fracasso versus sucesso, “periferia versus centro” (NOGUERA, 2021, p. 63).

pedagógicas destes projetos (NOGUERA, 2014). Por assim dizer “passar a limpo a história da humanidade, tanto para dirimir as consequências negativas de eliminar culturas e povos não ocidentais do rol do pensamento filosófico, como para desfazer as hierarquizações que advêm desse processo” (NOGUERA, 2014, p. 71), ou seja, se reinventar enquanto ser negro.

Com todas as adversidades que a população negra enfrenta, constantemente precisamos se reinventar tanto nas concepções ideológicas como no modo de agir para sobreviver. É necessário entender que carecemos de “uma vida para descobrir que precisamos voltar ao início de tudo, dando novos significados a cada uma de nossas experiências e aos afetos que as acompanharam” (SANTOS, 2004, p. 88).

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kate. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaaios Filosóficos**, v. 14, dez. 2016. Disponível em: <https://filosofia-fricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/molefi_kete_asante_-_afrocentricidade_como_critica_do_paradigma_hegemônico_ocidental_introdução_a_um_a_ideia.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 02 maio 2018.

CORREA, Marco Aurélio da Conceição. Cinemas africanos no plural: os usos nos estudos das relações étnico-raciais. **Revista África e Africanidades**, ano 10, n. 24, p. 1-31, jul./set. 2017. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0030240082017.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

_____. Denegrindo a Educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, p. 62-73, maio/out. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7033/5556>>. Acesso em: 05 maio 2017.

_____. Denegrindo a Filosofia: o pensamento como coreografia. **Griot**, v. 4 n. 2, p. 1-19. Dezembro. 2011. Disponível em: <<http://www.academia.edu/24801938/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra, homem branco**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

_____. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PARADA, Maurício; MEIHY, Murilo Sebe Bom; MATTOS, Pablo de Oliveira. **História da África contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Pallas, 2013.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral Africana na formação de professoras e professores. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7955>>. Acesso em: 05 maio 2017.